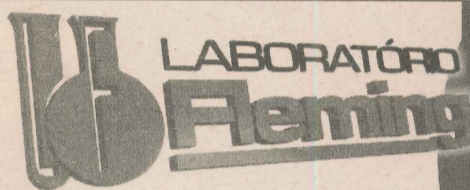


Quando Ilha do Príncipe era uma ilha

A inauguração das Cinco Pontes, em 1928, mudou a vida dos moradores. Até então, sair do bairro só de bote



Resultados com qualidade para sua qualidade de vida.

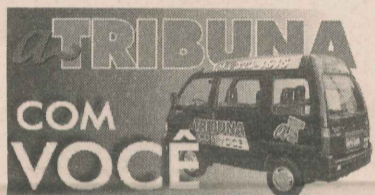
Rua da Alfindega, 22 - 2º andar - Ed. Sarkis
Centro (Vitória) 222.2511

Uma praia e várias opções de lazer. São imagens que guardam alguns dos moradores mais antigos da Ilha do Príncipe, em Vitória, bairro cuja ocupação começou de forma desordenada, a partir do final do século passado.

“Antigamente a gente falava maré, agora as pessoas dizem praia. Mas quando pequena, eu e meus irmãos tomávamos muito banho de maré. A gente e a criançada da Ilha gostava também de catar fruta e matar passarinho”, lembrou a aposentada Claudina Farias.

Hoje com 85 anos de idade, ela se recorda de sua ida para o bairro, em 1917. “Eu vim para cá aos três anos, da Bahia. Meu pai era funcionário dos Correios e Telégrafos e encarregado do depósito, que ficava aqui na Ilha do Príncipe”, disse.

Ela disse, ainda, que quando



chegou ao bairro era tudo mato e tinha muito poucas pessoas. “Era uma casa aqui, outra ali. Isso era uma ilha mesmo! Para chegar a Vitória, a gente ia de bote. Todos os dias eu e meus irmãos pegávamos o bote para estudarmos na Escola Modelo Jerônimo Monteiro, em frente ao Palácio”, ressaltou a aposentada.

Já o aposentado Willis Santos disse que na década de 30 as casas pareciam ser de índios. “A Ilha era como uma aldeia. As casas eram feitas com um cipó amarrado na taquara da palmeira, as pessoas jogavam barro e cobriam o teto com palmeira. A gente to-



Claudina Farias, que se mudou para a região em 1917, conta que já tomou muito “banho de maré”

mava muito banho, era como uma praia”, contou.

Morador do bairro a partir de 1939 (antes ele morava no morro de Santa Clara, em Vitória), Santos disse que apesar de haver chegado à Ilha do Príncipe quando a construção da Ponte Florentino Avidos (conhecida como Cinco Pontes) já estava concluída, pôde sentir como a obra mudou a vida dos moradores da região.

“Com a ponte, o movimento daqui aumentou e a Ilha começou a crescer. Nessa mesma época chegaram muitas pessoas de fora, vindas de Sergipe, Pernambuco, Paraíba para morar no bairro”, afirmou ele.

Devido à localização geográfica do bairro – que antes da inauguração da ponte, em 1928, só havia acesso por embarcações – o comércio também passou por transformações ao longo dos anos.

Ainda de acordo com a aposentada Claudina Farias, por muitos anos só existiam pequenas vendas na Ilha do Príncipe. Os moradores tinham que fazer compras na Vila Rubim, o ponto comercial mais próximo.

Rodoviária foi um marco

Caracterizada por ser uma área com grandes “vazios”, a construção do terminal rodoviário Carlos Alberto Vivacqua Campos, em 1978, é considerada pela comunidade como um marco no desenvolvimento da Ilha do Príncipe, hoje com uma média de 3,8 mil habitantes.

“O asfalto e a urbanização da Ilha foram as principais melhorias, mas a rodoviária trouxe muitos benefícios para nós, pois depois da construção a procura por casas aumentou e valorizou o bairro. Eu não troco a Ilha por outro lugar por mais rico que seja”, disse o aposentado Willis Santos.

Com a saturação do centro de Vitória no final dos anos 60 – devido a sua limitação física e por reunir funções econômicas e de passagem –, o aterro entre as ilhas de Vitória e do Príncipe foi concluído, figurando como uma esperança para resolver o problema de áreas de expansão para o centro.

Dentre os fatores que levaram à realização do aterro estão a falta de uma estação rodoviária, a escassez de áreas para estacionamento na zona de comércio e negócios, além do congestionamento de

veículos na região central.

Portanto, a construção do terminal rodoviário e da Segunda Ponte (Ponte do Príncipe), finalizada em 1979, marcou um período de obras importantes para a Ilha do Príncipe e bairros vizinhos.

POEIRA

“Assim que eu cheguei aqui, por volta de 1955, era tudo barro, não tinha calçamento e a casa enchia de poeira. Muitas vezes eu sequei a roupa dentro de casa, atrás da geladeira, para que as peças limpas não sujassem”, contou a aposentada Odete de Oliveira.

“O telefone só chegou aqui por volta de 1964. Agora, toda Ilha tem orelhão, mas na falta eu acabei aprendendo a viver sem ele. Naquela época a aparência do bairro começou a mudar porque as pessoas começaram a trocar as casas de tábuas por de alvenaria”, disse ela.

Além disso, a aposentada afirmou que o problema da dificuldade de transporte que a população enfrenta hoje já teve solução no passado. “Circulava aqui por toda a Ilha uma Perua que levava as pessoas para Vitória e voltava”, concluiu ela.

A ILHA

Existem diversas versões sobre a origem do nome “Ilha do Príncipe”. De acordo com moradores antigos, como Claudina Farias, que reside no bairro desde 1917, a ilha era uma herança do príncipe de Orleans e Bragança.

Mas segundo pesquisas do assessor da Biblioteca Municipal de Vitória, Paulo Gonçalves, registros do “Dicionário Histórico e Geográfico do Espírito Santo”, datado de 1941, relatam que o bairro – situado na antiga barra de Vitória, ou seja, na baía – era conhecido como “Ilha dos Práticos” até 1908.

Em 1854, a ilha foi entregue ao governo do Estado (antes disso, ela pertencia ao português Joaquim Rangel. Em 1895 o local serviu como lazareto (local para onde ficam confinadas pessoas com suspeita de contágio), mas no mesmo ano voltou às mãos do governo estadual, passando então a ser ocupada por pescadores.

Emprego e oficinas

A comunidade da Ilha do Príncipe, em Vitória, conta hoje com o Grupo da Terceira Idade, reunindo aproximadamente 30 idosos. Mas o bairro receberá também outro programa social: a Oficina de geração de Emprego e Renda.

Funcionando há dois anos, os moradores idosos do bairro se reúnem todas às quintas-fei-

ras, das 14 às 17 horas, para realizar trabalhos artesanais, fazer ginástica, teatros, saraus.

O projeto, que faz parte de uma série de programas da Secretaria de Ação Social da Prefeitura de Vitória está aberto à participação de toda a comunidade. Os interessados devem procurar o Centro Comunitário II, na rua Jurema Barroso.

INDÚSTRIAS TÊXTEIS BARBÉRO S.A. COMPANHIA ABERTA CNPJ Nº 71.444.681/0001-25 ASSEMBLÉIAS GERAIS ORDINÁRIA E EXTRAORDINÁRIA CONVOCAÇÃO

Convocamos os Senhores Acionistas para se reunir na sede social da Companhia na Avenida Jerônimo Monteiro nº 490, 8º andar, sala 810, Centro, Vitória, Espírito Santo, às 10:00 hs do dia 30 de abril de 1999 e deliberarem sobre a seguinte **ORDEM DO DIA**:

Em matéria ordinária:

(a) aprovação do Balanço Patrimonial e das Demonstrações Financeiras da Companhia, do Relatório da Administração e do Parecer dos Auditores independentes relativos ao exercício social encerrado em 31/12/98;

(b) eleição dos membros do Conselho de Administração e fixação do montante da remuneração dos administradores.

Em matéria extraordinária:

(a) alteração do Estatuto Social nas seguintes matérias: (I) alteração do atual endereço da sede social da Companhia que passará a ser na Rodovia BR 262 - Km 6,7, Campo Grande, Cidade de Cariacica, Estado do Espírito Santo; (II) alteração do texto do Artigo 2º do Estatuto Social para suprimir o endereço da sede social, que permanecerá situada no Estado do Espírito Santo, bem como estabelecer a competência do Conselho de Administração para deliberar acerca do endereço da sede social; e (III) Consolidação do Estatuto Social.

Em cumprimento ao Artigo 3º da Instrução CVM nº 165/91, informamos que o percentual mínimo de participação no capital votante necessário à requisição da adoção do sistema de voto múltiplo para eleição do Conselho de Administração é de 5% (cinco por cento).

Vitória, 20 de abril de 1999
ANASTÁCIO UBALDINO FERNANDES FILHO
Presidente do Conselho de Administração